1534 . 2034

DIOCESE DE ANGRA

PROJETO PASTORAL DIOCESANO

ANO PASTORAL 2025-2026

1534 . 2034

500

DIOCESE DE ANGRA

WWW.DIOCESEDEANGRA.PT

Coordenação:
Serviço de Coordenação da Pastoral Diocesana
Equipa Sinodal Diocesana

Paginação e design:
Purpled Web Concepts, Lda.
www.purpled.pt

2.000 exemplares
Angra do Heroísmo – Terceira – Açores

Outubro 2025

ÍNDICE

1. Introdução 5

2. APRESENTAÇÃO DO PROJETO PASTORAL DIOCESANO 11

3. O SUBSÍDIO PARA O ANO PASTORAL 15

4. Primeiro Ano Pastoral - 2025-2026: «Cristão, que dizes de ti mesmo?» 20

1ª LINHA ORIENTADORA 21

Equipas do Centro de preparação para o Batismo (CPB) 22

Fundamento espiritual: Encontrar Jesus e dá-Lo a encontrar. 26

2ª LINHA ORIENTADORA 28

Conselhos pastorais: espaços de sinodalidade 29

Escolas de formação cristã de ouvidoria 31

3ª LINHA ORIENTADORA 34

Escola diocesana de formação 35

CATEQUESES PARA O POVO DE DEUS 40

Catequese 1 41

Quem sou eu diante de Deus?

A sede de Deus e a identidade batismal

Catequese 2 44

Quem sou eu na Igreja?

O cristão e o mistério da Igreja

Catequese 3 47

Quem sou no mundo?

O cristão como testemunha e enviado

5. CALENDÁRIO DIOCESANO 51

6. ANEXOS 64

Ao serviço da comunhão e da missão: apresentação das linhas orientadoras da Equipa Sinodal da Diocese de Angra 65

Organograma do Serviço de Coordenação Pastoral Diocesano 69

Organograma do Serviço de Coordenação da Formação Diocesana 70

7. PROPOSTA DE ORAÇÃO 72

INTRODUÇÃO

D. Armando Esteves Domingues

1

Introdução ao Projeto Pastoral Diocesano

«*Mestre onde moras?*». Jesus diz apenas: «*vinde e vereis*» (Jo 1, 38). Aos discípulos de João Batista não bastava o que já faziam nem o modo como viviam a fé no Deus Único. Queriam mais! Queriam estar com Jesus, fazer experiência da sua presença e aprender para poderem contar a novidade e fazer outros discípulos.

"Cristão, que dizes de ti mesmo?" será a questão que nos "apoquentará" neste primeiro ano do Triénio em que vamos dar prioridade à dimensão catequética e anunciadora da Igreja. Dar-se-á especial atenção ao batismo. A missão fundamental da Igreja é dar a conhecer o verdadeiro rosto de Deus aos homens e mulheres de hoje. A nós cabe descobrir e aprofundar o Seu Amor nos sinais da nossa vida e dos nossos tempos para introduzir a Alegria do Evangelho nos caminhos da história.

Onde mora o Mestre? Certamente a dar passos connosco e a repetir que: *«onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles»* (Mt 18,20).

1. É tempo de renovar a Esperança

Em Ano de Jubileu, sai-me espontânea do coração a palavra ESPERANÇA. Tínhamos assumido que 2025 seria um ano "decisivo" para preparar um percurso de conversão e renovação pastoral até 2034, em que completaremos 500 anos da fundação da Diocese. Aqui está ele! Com a graça de Deus, será uma oportunidade histórica de renovação pastoral, cultural, espiritual e missionária.

Ao apresentar este Projeto de Pastoral, renova-se em mim a esperança de continuar a peregrinar convosco, confiando à misericórdia de Deus os limites e cansaços. Trata-se de um "guião" que está e estará sempre inacabado! Precisa de nós, de mim e de cada cristão ou homem de boa vontade, das comunidades eclesiais e dos cidadãos. Foi preparado a partir da escuta possível: somos sempre aprendizes e ainda pouco ágeis na participação. Após a consulta, na Assembleia Conjunta do Conselho Presbiteral e Conselho Pastoral Diocesano de abril passado, foi aprovado um itinerário em três triénios. Obrigado a todos os que deram o seu contributo, aos presbíteros em primeiro lugar, aos diáconos, religiosos e cristãos leigos. Agradeço aos diversos Conselhos e aos Grupos de Coordenação da Pastoral e da Formação que recolheram propostas, as transformaram em Projeto e prepararam a sua publicação.

Peço que se inventem formas de o dar a conhecer a todos. Sem proselitismos e sem outra ambição que não seja servir os homens e mulheres das nove ilhas dos Açores, sublinhamos o papel que a Igreja e a mensagem cristã tiveram e continuam a ter na cultura e construção da identidade açoriana, na formação das diversas gerações, na promoção da justiça, apoio aos doentes e mais desfavorecidos, no acompanhamento e amadurecimento da fé de pessoas, famílias, movimentos ou comunidades. Queremos continuar a dignificar esta história.

2. Um longo caminho

Este percurso até 2034, será longo, terá etapas já definidas e objetivos que poderão vir a ser reformulados de acordo com a avaliação que se for fazendo. Neste início, vários padres receberam novas nomeações, há mudanças e constituição de novas equipas em Paróquias, Ouvidorias e Serviços. A eles agradeço e a Deus peço todas as graças para esta nova e desafiante etapa da vida e do ministério. Em muitas Ouvidorias haverá, agora, outra estabilidade, porventura para os próximos dez anos, o que permitirá desenvolver um Projeto adaptado às características e ritmos das ilhas e comunidades. A diocese recebeu também a graça de sete novos diáconos. Que seja oportunidade para recomeçar, renovando o necessário para dar à nossa Igreja Local uma veste mais missionária.

Que neste longo caminho possamos escutar e ser ajudados pelos cristãos leigos que, alimentados pela Palavra de Deus e iluminados pela Doutrina Social da Igreja, são os protagonistas da evangelização nos locais de trabalho, nas escolas, nos hospitais, nos ambientes culturais e sociais, na economia ou na política.

3. Unidos e com mentalidade sinodal

A primeira palavra do Papa Leão XIV foi: “unidos em Cristo”! A unidade gera comunhão e só na comunhão a verdade se torna credível. Queremos que estes dez anos se destaquem pelo exercício prático da sinodalidade de que fala o Documento Final do Sínodo dos bispos de 2024 e que o Papa Leão XIV confirmou: “encorajo a continuar no "estilo" da sinodalidade, "uma atitude que nos ajuda a ser Igreja".

Em atitude de diálogo sincero e aberto e no respeito absoluto pela especificidade de cada um, manifestamos a disponibilidade e abertura da Igreja que vive nos Açores a todas as realidades e instituições presentes no território, para, nestes dez anos, criarmos juntos um ambiente propício para a resolução dos problemas sociais que preocupam. As paróquias são um terreno naturalmente propício e único para desenvolver uma necessária cultura de proximidade que não deixe ninguém excluído ou desintegrado e sirva, de facto, a quem mais precisa. Já fazem muito, mas pretendemos organizar-nos melhor, ouvir sugestões e acolher projetos em que possamos ser uma mais valia para o bem de todos.

Às diversas realidades eclesiais pedimos que reflitam como podem ser espaços e modelos de escuta intergeracional, de confronto com mundos diferentes, do cuidado das palavras e das relações próprios de uma mentalidade sinodal que queremos alargar. Há um caminho estimulante a percorrer desde o centro até às periferias, do bispo às comunidades e das comunidades até aos órgãos de decisão, onde queremos que se incluam também leigos. Contamos com a especial assistência do Espírito Santo.

Como sinal de opção clara por esta linha sinodal da Igreja, nomeámos já uma “Equipa Sinodal”. Trata-se de um grupo que tem vindo a fazer caminho e formação há já cerca de um ano, com ligação à Conferência Episcopal e atenta ao que vem do Vaticano. A Equipa é formada por membros de várias ilhas, proveniência, formação e vocação. Pede-se-lhe a unidade na diversidade para que sejam como um laboratório onde se experimente a unidade.

Espera-se que ajudem a que as estruturas de governo diocesano se tornem “mais sinodais e transparentes” como se pediu no Sínodo, e que as chamadas "Pistas” emanadas pela Santa Sé para a fase de implementação do Sínodo, possam ser concretizadas. À Equipa Sinodal já recorreram algumas paróquias e poderão continuar a fazê-lo, também para perceberem e implementarem nas “Equipas Paroquiais ou de Ouvidoria” o método da “Conversação no Espírito”. A Equipa Sinodal será chamada a preparar e acompanhar o Bispo nas próximas visitas pastorais à Ilha de S. Miguel.

4. Devidamente preparados

Queremos ser dignos do passado e contribuir ativamente no “aqui e agora” da história, sempre em unidade com o Papa e na fidelidade a Jesus Cristo. Para tal, precisamos estar devidamente preparados. Há propostas de formação e atualização com duas vertentes: a primeira e talvez a fundamental, serão as Escolas de Formação de Ouvidoria, onde se pensarão as necessidades de formação local; a segunda virá das diversas propostas formativas do Serviço Diocesano, em ligação com as Ouvidorias e Serviços Diocesanos. A grande novidade é que, finalmente e depois de já ter sido apontada no Congresso de Leigos de 1992, nasce a Escola Diocesana de Formação. Concluiu-se nesse importante Congresso que “a formação dos fiéis leigos deve ser uma prioridade constante nos programas de ação pastoral da Diocese” e que a formação na Diocese “deve ser renovada, coordenada e permanente, envolvendo todos — leigos, presbíteros e consagrados”.

Nele se concluiu também que deveriam ser criadas estruturas dedicadas à formação, como “escolas de formação cristã em cada ouvidoria, ajudando cada cristão a descobrir e a assumir a sua vocação, promovendo a comunhão, a participação e a corresponsabilidade de todos os membros da comunidade eclesial”. Em Planos sucessivos se foi renovando esta intenção. Aparece agora, coordenada pelo nosso novo Serviço Diocesano da Formação e contará com o contributo do Seminário de Angra, que ganha, assim, um novo campo de missão para além da formação de presbíteros e diáconos.

Aos Movimentos pedimos fidelidade aos fundadores e aos carismas recebidos para o bem de toda a Igreja. Esperamos um contributo de primeiro anúncio atualizado pelo estudo e oração, para o qual estão particularmente preparados. São igualmente convidados a participar e enriquecerem os percursos de formação contínua para todo o Povo de Deus.

5. Conclusão

Este Projeto foi trabalhado na forja do amor, da oração e com muita esperança, o que não evita ter, também, muito suor, sofrimento e lágrimas. Fica agora nas mãos de todos, confiado à vossa oração e cuidado. Não produzirá frutos de renovação e de santidade sem o nosso empenho. Não vem “de cima ou de baixo”, é de todos e destina-se a ser reescrito por todos. Dez anos é um tempo “redondo”, um “Kairós - tempo de Deus”.

Caros Ouvidores e párocos, sois essenciais para o seu êxito. Caros diáconos, religiosos e cristãos leigos, peço que o façais vosso e o passeis a todos, todos, todos... Às nossas Irmãs Contemplativas do Convento das Clarissas e outras Comunidades Religiosas peço que o tenham na oração diária.

Confio este primeiro ano à proteção de Nossa Senhora da Paz, assim invocada no nosso mais recente Santuário e num período em que aumenta a esperança de paz.

Que o Beato João Batista Machado, Padroeiro da Diocese, nos seja modelo de Igreja Missionária.

15 de agosto de 2025, Festa da Assunção de Nossa Senhora,
a Rainha dos Açores

+Armando Esteves Domingues, Bispo de Angra

500
1534 • 2034
DIOCESE
DE ANGRA
PROJETO PASTORAL DIOCESANO
ANO PASTORAL 2025-2026

APRESENTAÇÃO DO PROJETO PASTORAL DIOCESANO

2025-2034

O Primeiro ano do Projeto Pastoral

O Projeto Pastoral para os 500 anos da Diocese de Angra, analisado, retificado e aprovado na Assembleia Conjunta dos Conselhos Pastoral e Presbiteral de 2025 é a base sobre a qual assentam as iniciativas pastorais que se incluem neste caderno para o ano de 2025/2026.

O Projeto Pastoral Diocesano, que se desenvolve em três triénios, segue aquilo a que podemos chamar de "metodologia evangélica": anúncio, ação, celebração, que correspondem aos triénios. De entre as aportações da Assembleia Conjunta realçamos a ideia de que esta caminhada é essencialmente sinodal, um caminho até 2034 que não se esgota na celebração dos 500 anos da Diocese, mas é uma oportunidade histórica de renovação pastoral, espiritual e missionária, olhando 2034 não como meta, mas como horizonte para a contínua renovação da Igreja nos Açores.

Das aportações da Assembleia Conjunta destaca-se também a preocupação pela formação do Povo de Deus, condição importante para a dignificação do laicado, bem como das outras dimensões do ser cristão. Realce ainda para uma questão pertinente, que é a de realçar a centralidade de Jesus na vida da Igreja. Estando em caminhada sinodal, a questão não se centra tanto na preocupação de marcar uma data para a Assembleia Sinodal, mas sim na oportunidade de a realizar.

O primeiro triénio, onde se insere este documento, intitula-se "Passemos à outra margem" (Mc 4, 35), e centra-se sobretudo no anúncio, à imagem de Jesus que começou por anunciar o Reino dos Céus. Como se anuncia o Evangelho hoje é a pergunta subjacente a este período que tem, no seu primeiro ano, a formulação de repensar: "*Cristão, que dizes de ti mesmo?*" Esta autorreflexão da Igreja nos Açores não deve ser entendida, no entanto, como um compartimento estanque, como se tivéssemos de travar a fundo para refletirmos sobre nós. É, acima de tudo, um acentuar da tarefa da autorreflexão, um repensar a nossa condição de batizados numa Igreja que enfrenta novos desafios.

Neste ano vamos pensar o Batismo como sacramento unificante da Igreja, na sequência da *Lumen Gentium* e da conceção da Igreja também como Povo de Deus. Neste sentido, somos convidados a saber quem somos na Igreja, a vocação e missão de cada um de nós, parte integrante do Povo de Deus. Como condição, é necessário apostar na formação de todo o Povo de Deus, uma aposta decisiva da Diocese, talvez a mais importante neste triénio, a par da implementação das estruturas da sinodalidade.

Este primeiro ano do primeiro triénio pode ser considerado como a preparação para uma Igreja em saída. Neste ano devem acentuar-se momentos espirituais fortes, nas áreas da juventude, família e vocações. A experiência da Aldeia da Esperança foi um momento maravilhoso e marcante na pastoral com os jovens. É tempo, pois, também, de realçar as iniciativas do primeiro anúncio, no sentido de se fomentar uma mais profunda autoconsciência de Igreja.

A sinodalidade, implementada pelo Papa Francisco e confirmada por Leão XIV, é um caminho irreversível. É errado pensar que a sinodalidade é uma ideia nova. Pelo contrário, ela concentra em si uma forma de ser Igreja inspirada na vivência dos primeiros cristãos que caminhavam juntos, sempre fiéis ao Espírito Santo. É errado também contrapor hierarquia e sinodalidade, como se fossem duas dimensões opostas – e não complementares – da Igreja.

Não é raro ouvirmos dizer que ainda há muito do Concílio Vaticano II a pôr em prática. O conceito e a vivência da sinodalidade são uma resposta bem concreta a essas dúvidas e reticências: uma Igreja que caminha em conjunto, Povo de Deus peregrino (Igreja militante na nomenclatura tradicional), que continuamente escuta a voz do Espírito. Essa escuta do Espírito, propalada até à exaustão pelo Papa Francisco, é a essência da sinodalidade.

O SUBSÍDIO PARA O ANO PASTORAL

2025-2026

3

Apresentação do subsídio para o ano pastoral 2025-2026

É com renovada esperança que vos é entregue o subsídio para o presente ano pastoral. Além das palavras do nosso Pastor e da apresentação deste ano, que antecedem estas palavras, deixamos agora algumas que vos possam auxiliar a servirem-se deste subsídio com maior proveito.

O presente ano pastoral assenta na pergunta: «Cristão, que dizes de ti mesmo?». A partir desta pergunta, são-nos sugeridas três linhas orientadoras, cada qual com dois objetivos a concretizar:

Linhas Orientadoras e Objetivos

1ª Linha Orientadora: preparação e redescoberta do Batismo pelo Centro de Preparação para o Batismo (CPB) e pela conversão espiritual

Objetivos a concretizar:

a) Criar Centros de Preparação para o Batismo;
b) Promover retiros e encontros ligados ao querigma e não só;

2ª Linha Orientadora: Corresponsabilidade batismal-eclesial e participação sinodal

Objetivos a concretizar:

a) Criar, acompanhar e dinamizar todos os conselhos (paroquiais, de ouvidoria, diocesano e de serviços diocesanos) ;
b) Lançar e consolidar as instâncias sinodais-Escolas de Formação das Ouvidorias ;

3ª Linha Orientadora: Consolidar o processo ou itinerário diocesano de formação permanente.

Objetivos a concretizar:

a) Lançar a Escola Diocesana de Formação (Curso Básico de Teologia e Formação para ministérios laicais);
b) Propor catequeses para o Povo de Deus;

Dentro de cada linha orientadora, para cada objetivo, ireis encontrar textos e sugestões neste subsídio.

Os Centros de Preparação do Batismo (CPB) são uma proposta a ser concretizada em cada paróquia, ouvidoria ou zona pastoral. No espaço próprio, virão as informações necessárias acerca dos mesmos.

O objetivo relativo aos retiros e encontros tem também um texto para abrir horizontes. O mesmo se diga do objetivo ligado à criação, acompanhamento e dinamização de todos os conselhos.

No que se refere às Escolas de Formação Cristã de Ouvidoria, são oferecidas algumas orientações gerais. Há três ouvidorias que se ofereceram para um género de "projeto piloto" durante este ano pastoral, que será, a seu tempo, oportunamente avaliado. Tal não impede que outras ouvidorias se possam também organizar esta instância de formação cristã e de auscultação.

No que à Escola Diocesana de Formação diz respeito, encontrareis também informações importantes sobre esta instância que, neste ano pastoral, será divulgada e dada a conhecer, para que, posteriormente, no próximo ano pastoral, possa iniciar efetivamente a sua atividade através do Curso Básico de Teologia, da Formação para os Ministérios Laicais e dos Cursos Livres.

Ainda dentro da terceira linha orientadora, surgem três catequeses para o Povo de Deus, pensadas para serem utilizadas nas Escolas de Formação Cristã de Ouvidoria, nos Conselhos Pastorais de Paróquia, Zona ou Ouvidoria bem como em Serviços, Movimentos, Grupos ou Assembleias pastorais alargadas, abertas a todos. Para uma melhor explanação dos temas, será bom prover - tal como se sugeria no ano anterior com os temas ligados ao Jubileu – que haja um facilitador que faça a apresentação e coordene a partilha prevista em cada uma das catequeses.

Podeis encontrar ainda, neste subsídio, um calendário onde estão elencadas muitas das ações pastorais que têm lugar na nossa Diocese, o que nos permite ter uma visão de conjunto de quanto se faz nesta bela porção do Povo de Deus.

Seguem-se alguns anexos: o primeiro relativo à Equipa Sinodal Diocesana, bem como os organogramas dos dois Serviços de Coordenação criados em 2024.

O presente subsídio termina com uma proposta de oração que nos há-de guiar até 2034, quando celebrarmos os 500 anos da nossa Diocese. A oração vai acompanhada de uma breve consideração sobre o seu fundamento e sentido.

Esperamos que este subsídio possa ser de proveito para todos e agradecemos a quantos, das mais variadas formas, trabalharam e deram o seu contributo para que ele chegasse às vossas mãos.

PRIMEIRO TRIÉNIO
2025-2028

«PASSEMOS À OUTRA MARGEM»
Mc 4,35

4

1º ANO PASTORAL 2025-2026

CRISTÃO, QUE DIZES DE TI MESMO?

Linhas Orientadoras e Objetivos

1ª LINHA ORIENTADORA

Preparação e redescoberta do Batismo pelo Centro de Preparação para o Batismo (CPB) e pela Conversão Espiritual

1º OBJETIVO
EQUIPAS DO CENTRO DE PREPARAÇÃO PARA O BATISMO (CPB)

O Batismo é o primeiro dos sacramentos da iniciação cristã e constitui a porta de entrada na vida da fé. Pelo Batismo, tornamo-nos filhos de Deus, membros da Igreja e participantes do mistério pascal de Cristo. Ao solicitar este sacramento para os seus filhos, os pais — acompanhados pelos padrinhos — assumem a missão de os educar na fé e de os inserir progressivamente na vida da comunidade cristã.

Neste contexto, reconhece-se a importância de uma preparação séria, mas acolhedora que ajude pais e padrinhos a tomar plena consciência da beleza e da exigência do que celebram. Para esse fim, propõe-se que, em cada paróquia, ouvidoria ou zona pastoral, seja constituída uma Equipa do Centro de Preparação para o Batismo (CPB), inserida no dinamismo evangelizador da pastoral familiar e da iniciação cristã.

Este CPB deve ser um espaço e tempo de acompanhamento, iniciação, amadurecimento e integração na vida da comunidade cristã. Nessa ótica, o Centro deve assumir várias funções interligadas:

1. Acolhimento e discernimento inicial: receber com escuta atenta e orientada os candidatos ao batismo (pais/padrinhos no caso de crianças e catecúmenos), ajudando a discernir as motivações para iniciar o caminho da fé e personalizando o itinerário conforme a realidade de cada um;
2. Propor um itinerário progressivo de fé: oferecer etapas graduais integrando progressivamente a dimensão doutrinal, espiritual e litúrgica;
3. Acompanhar o desenvolvimento pessoal e comunitário: disponibilizar a par dos elementos doutrinais o respetivo acompanhamento na dimensão pessoal e comunitária, favorecendo estratégias de envolvimento com a comunidade paroquial, inter-paroquial ou de zona;
4. Preparar liturgicamente para o batismo: ensinar o significado dos sacramentos de iniciação: Batismo, Eucaristia e Crisma e preparar as celebrações, integrando o sentido dos ritos na caminhada catecumenal;
5. Desenvolver a continuidade pós-Batismo: acompanhar a descoberta do mistério vivido ajudando pais e padrinhos, bem como jovens adultos a integrarem-se nos vários ministérios laicais, em grupos pastorais, estimulando o gosto pela formação permanente;
6. Estimular a inserção no projeto de vida cristã: cultivar a responsabilidade missionária, trabalhando valores como o compromisso social, entre outros.

1. JUSTIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DESTA PROPOSTA

Em muitas situações, o pedido do Batismo surge como uma oportunidade privilegiada para o reencontro de diversas famílias com a fé e com a vida da Igreja.

Frequentemente, os pais e padrinhos que se aproximam deste sacramento trazem consigo percursos de fé interrompidos, fragilizados ou pouco esclarecidos, mas ainda marcados por um desejo autêntico de transmitir algo de valioso aos seus filhos. Ainda que muitas vezes afastados, são tocados por um sentido de pertença e por uma fé simples herdada da piedade popular, embora por vezes adormecida.

Neste contexto, o momento da preparação para o Batismo revela-se uma ocasião pastoral de grande valor, um verdadeiro *kairós*, não apenas para esclarecer o sentido do sacramento, mas sobretudo como oportunidade de evangelização e de primeiro anúncio para muitos adultos que, por vezes, escutam de forma consciente e aberta a proposta do Evangelho pela primeira vez.

A constituição destas equipas representa uma resposta concreta aos desafios pastorais do nosso tempo. Ao invés de uma preparação meramente litúrgica, breve e funcional, esta proposta permite um acompanhamento mais próximo, acolhedor e evangelizador dos pais e padrinhos. Proporciona-lhes a escuta da Palavra, o testemunho de fé vivido por casais da comunidade, e uma introdução mais consciente ao mistério que vão celebrar. Além disso, promove uma maior corresponsabilidade laical, fortalece a pastoral familiar e abre caminho a uma integração mais plena na vida da Igreja.

Esta proposta diocesana está profundamente sintonizada com os objetivos do primeiro ano do triénio pastoral – *«Cristão, que dizes de ti mesmo?»,* ao colocar no centro da ação da Igreja o cuidado pelas pessoas concretas, interpelando-as a partir da pergunta fundamental sobre a identidade cristã.

A existência de equipas locais, nas diversas zonas pastorais, permitirá um acompanhamento mais próximo, adaptado à realidade concreta de cada comunidade, promovendo uma Igreja que acolhe, escuta e propõe com amor o caminho da fé.

2. Constituição das Equipas CPB

As equipas podem ser formadas a nível paroquial, inter-paroquial, de zona pastoral ou de ouvidoria, conforme as necessidades locais. Preferencialmente estas equipas devem ser organizadas a um nível mais vasto do que a paróquia, fomentando assim uma maior comunhão.

Cada equipa deverá ser composta por:

- Um assistente espiritual, preferencialmente um sacerdote ou diácono, com responsabilidade pastoral na zona ou ouvidoria;
- Dois (ou mais) casais cristãos, com experiência de vida familiar, espírito de serviço e capacidade de escuta e testemunho;
- Outros elementos que se tenham por convenientes.

Cada equipa terá um coordenador, eleito de entre os elementos que a compõem. Os elementos da equipa não necessitam de possuir formação teológica aprofundada, mas devem ser pessoas com fé vivida, integradas na vida da comunidade, e dispostas a colaborar com espírito eclesial. O seu papel será sobretudo de acolhimento, escuta, partilha e testemunho da beleza da vida cristã no seio da família.

As equipas devem ser constituídas até janeiro de 2026. A sua constituição deve ser comunicada ao Serviço de Coordenação da Pastoral Diocesana.

3. Funcionamento das Equipas CPB

As Equipas CPB devem reunir-se pelo menos uma vez por mês, ou sempre que se justifique, em data fixa previamente estabelecida, oferecendo aos pais e padrinhos um encontro de preparação com a duração aproximada de uma hora. Ressalvam-se as adaptações necessárias ao contexto de cada ilha e ouvidoria.

A estrutura base recomendada para cada encontro é a seguinte:

1. Acolhimento e apresentação – pequeno momento inicial de integração e proximidade entre os participantes;
2. Testemunho de um dos casais da equipa, partilhando de forma simples e autêntica a sua experiência da fé e do Batismo vivido em família;
3. Momento formativo, orientado pelo assistente espiritual ou por outro elemento, a partir do Rito do Batismo, explorando os seus gestos, símbolos e implicações espirituais;
4. Envio e oração conclusiva.

Sempre que possível, os encontros deverão realizar-se em grupo, reunindo várias famílias, para favorecer a partilha, o espírito comunitário e a corresponsabilidade cristã.

4. Formação e articulação pastoral

As equipas CPB deverão beneficiar de momentos de formação inicial e contínua, promovidos a nível diocesano, bem como de materiais de apoio que facilitem a preparação e a realização dos encontros. Para tal, o Serviço de Coordenação da Formação Diocesana irá ministrar uma formação para estas equipas no mês de janeiro de 2026.

Será fundamental manter um contacto regular com o Serviço de Coordenação da Pastoral Diocesana e o Serviço Diocesano da Pastoral Familiar, promovendo uma coordenação das diversas equipas e a partilha de experiências, boas práticas e acompanhamento espiritual e pastoral das equipas.

Estas equipas deverão também articular-se com outras dimensões da pastoral local, nomeadamente a catequese, a pastoral familiar, a pastoral juvenil e vocacional e os movimentos eclesiais.

5. Uma pastoral de acompanhamento

O Centro de Preparação para o Batismo deve ser entendido como o início de um itinerário de compromisso cristão, que acompanha as famílias para além do momento sacramental. Neste sentido, importa favorecer a criação de pontes com outras propostas pastorais, convidando os pais e padrinhos a permanecer ligados à vida da comunidade cristã.

Ao acompanhar aqueles que se aproximam da Igreja para batizar os seus filhos, a comunidade cristã torna-se verdadeiramente mãe e mestra, que acolhe, forma e envia. Cada Batismo é uma semente de fé, de esperança e de pertença eclesial. A missão das Equipas CPB é cuidar desta semente.

2º OBJETIVO
FUNDAMENTO ESPIRITUAL: ENCONTRAR JESUS E DÁ-LO A ENCONTRAR

«*Cristão, que dizes de ti mesmo?*» é o título deste primeiro ano do Itinerário Pastoral Diocesano, inserido no primeiro triénio, do Anúncio. Conhecer-se é o primeiro passo para a realização pessoal. A pergunta do jovem rico a Jesus «*que hei de fazer de bom, para alcançar a vida eterna?*» (Mt 19, 17) concentra dentro de si todas as perguntas da existência humana. É uma pergunta sobre a plenitude do sentido da vida. É também uma pergunta pelo fim último, o Bem Absoluto que só se encontra quando nos encontrarmos na plenitude de Deus. É uma questão eminentemente moral (que devo fazer?), exatamente porque é na moral, na vida moral enquanto santidade, na moral enquanto vida que está o caminho dessa plenitude de sentido.

Jesus pergunta ao jovem pelo estritamente obrigatório, os Mandamentos, a lei natural, o essencial para uma vida minimamente digna. Mas o jovem percebe que o caminho da sua felicidade não se resume a cumprir mandamentos obrigatórios. Faltava alguma coisa ao jovem. Faltava plenitude. Faltava o encontro com Jesus Cristo, a essência da fé. Mas para isso era necessário um total despojamento de si mesmo.

Conseguiremos?

Levar as pessoas ao verdadeiro encontro – pessoal e comunitário – com Jesus, encontro que seja capaz de mudar as suas vidas como um tesouro ou uma pérola de grande valor, é o objetivo de toda a missão cristã. Todo o sentido da missão radica no facto de que o missionário deve ser alguém cuja vida seja um exemplo de como o Amor de Jesus Cristo nos transforma. Para tal é preciso subir ao Monte da Transfiguração para aí nos enriquecermos da riqueza do Espírito e transformarmo-nos primeiro a nós.

A espiritualidade deste primeiro ano é essencialmente radicada no Batismo, na nossa identidade de filhos de Deus e irmãos uns dos outros, que nos dá uma igual dignidade na diferença da nossa missão. Repensarmo-nos como cristãos é centrarmo-nos em Jesus Cristo. O Papa Francisco falava muitas vezes numa Igreja menos eclesiocêntrica e mais cristocêntrica, menos autorreferencial e mais evangélica. Encontrar Jesus e dá-Lo a encontrar.

Na prática, tudo isto significa que devemos fomentar, na nossa Diocese, aquilo a que chamamos, talvez impropriamente, estruturas de conversão. Espaços e eventos que proporcionem este encontro ou reencontro com Jesus. Numa palavra, é necessário promover o "primeiro anúncio". Quando falamos de "primeiro anúncio" falamos do anúncio da fé a quem não a conhece, mas também àqueles que a deixaram decair. Podemos falar de primeiro anúncio a quem não crê no conteúdo da fé. Mas também primeiro anúncio para superar a fratura entre fé e vida, para tomar consciência de que a fé tem na vida pessoal uma importância decisiva.

Um dos objetivos do primeiro triénio é exatamente promover retiros e outro tipo de momentos espirituais que proporcionem o encontro ou reencontro com Jesus. Infelizmente, retiros como o dos Cursilhos de Cristandade, os Esquemas da Mensagem de Fátima ou os Encontros Shalom, só para dar estes exemplos, têm vindo a diminuir a intensidade da sua presença na Diocese e tem-se sentido a sua falta. É urgente que todos nos empenhemos, sacerdotes, consagrados e leigos, na promoção destes momentos de primeiro anúncio, reavivá-los, comprometermo-nos com eles. Neste sentido, sugere-se aos movimentos, serviços e outras estruturas evangelizadoras da Diocese que procurem novas formas de evangelização pelo encontro com Jesus: procure-se, noutros lugares da Igreja, novas formas de retiros espirituais que permitam às pessoas esse encontro com Jesus que é a finalidade de toda a evangelização.

Tenha-se atenção especial aos jovens, ao seu trilho existencial e vocacional, ao sentido para a vida que, tal como o jovem rico, todos os jovens sentem. Tivemos a feliz experiência da Aldeia da Esperança, que foi um dos mais belos momentos da pastoral juvenil da nossa Diocese. Tenha-se também em atenção a família, igreja doméstica, espaço sagrado onde se gera a vida e a fé. Olhe-se pelas crianças, que cada vez mais precisam de encontros com Jesus que a família dá cada vez menos. Olhe-se também pelos idosos, que precisam de Jesus para preencher a sua solidão final. Que se possa também, de alguma forma, promover a espiritualidade nos ambientes que é necessário cristianizar, para além da família: o trabalho, a cultura, o desporto, etc.

Que as várias estruturas diocesanas olhem também para os sacerdotes com carinho, que lhes seja proporcionado o retiro anual e outros momentos fortes de encontro com Jesus, de forma a que a sua vida pastoral não se sinta órfã do alimento necessário para a sua difícil e apaixonante vocação.

É este o esforço a que todos estamos chamados neste primeiro ano do Itinerário Pastoral.

2ª LINHA ORIENTADORA

CORRESPONSABILIDADE BATISMAL-ECLESIAL E PARTICIPAÇÃO SINODAL

1º OBJETIVO
CONSELHOS PASTORAIS: ESPAÇOS DE SINODALIDADE

Uma caminhada, mesmo que tenha 1000 quilómetros, começa sempre com um passo, o primeiro. A diocese de Angra está a entrar numa jornada de nove anos que a levará a celebrar meio milénio de existência, e a forma como damos este primeiro passo certamente marcará o andamento de toda a jornada. Neste sentido, consideramos ser da máxima importância definir pressupostos básicos ou condições a priori para que este início de caminhada seja sólido e exprima confiança no amanhã. Concretamente, neste texto, abordaremos uma das mais importantes expressões da sinodalidade e, em geral, da eclesialidade: os Conselhos Pastorais.

A finalidade deste texto é sensibilizar todo o Povo de Deus, leigos, consagrados, sacerdotes, para a importância primária, básica, estrutural dos Conselhos Pastorais e para o grave dever de os implementar e revitalizar.

A premência dos Conselhos Pastorais surge no Concílio Vaticano II, sobretudo a partir da perspetiva de uma Igreja Povo de Deus, alicerçada no Batismo. No entanto, o Concílio apenas "recomenda" a criação dos Conselhos Pastorais (Cf. Decreto Christus Dominus, nº 27). Em 1966, Paulo VI promulga, no "motu Proprio" Ecclesiae Sanctae (Nºs 16 e 17), a regulamentação dos Conselhos Pastorais, sem precisar a sua urgência. O Código de Direito Canónico, no Cânone 536, quando fala do assunto, afirma que se constituam "se for oportuno" e "a juízo do Bispo diocesano". É só no Documento final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão) de 2024 que se afirma claramente que "devem ser obrigatórios" (nº 104). Esta gradação, que vai da recomendação à obrigatoriedade, manifesta, por um lado, o lento caminhar da Igreja do Povo de Deus para uma dimensão mais completa de comunhão e sinodalidade, numa cada vez maior exigência de que todos os batizados sejam plenamente Igreja e, por outro, um esforço por favorecer a participação mais ampla possível de todo o Povo de Deus nos processos de decisão.

Funções do Conselho Pastoral Paroquial são: coordenar todas as organizações e atividades paroquiais, sem prejuízo do caráter próprio e autonomia de cada uma; estabelecer os objetivos e prioridades em tudo o que diga respeito ao bem da paróquia e providenciar para que os mesmos objetivos sejam atingidos, tendo em conta a realidade concreta; incrementar a cooperação entre todos os organismos paroquiais; promover e manter ligação com os órgãos pastorais de nível interparoquial, de zona, ouvidoria ou diocese; acompanhar a execução dos programas pastorais e fazer um balanço periódico dos resultados obtidos. Acresce que a função do conselheiro é representativa, isto é, ele não está ali em nome próprio, mas, especificamente, em nome da instituição que representa e, de um modo geral, de toda a comunidade, sendo assim, por excelência, um órgão de comunhão.

Há muitos anos que a Diocese de Angra vem insistido na necessidade de se criarem, fomentarem e enriquecerem os Conselhos Pastorais Paroquiais. Ainda há, no entanto, muitos espaços vazios e muito caminho a percorrer neste sentido. A Diocese acompanhará, neste primeiro período do Projeto Pastoral Diocesano, os Párocos e as suas comunidades, para que possamos chegar a um objetivo preciso e importante: que todas as paróquias (ou zonas interparoquiais) possam ter um Conselho Pastoral.

2º OBJETIVO
ESCOLAS DE FORMAÇÃO CRISTÃ DE OUVIDORIA

ORIENTAÇÕES GERAIS

Este primeiro ano do triénio pastoral na nossa Diocese, com o lema «*Cristão, que dizes de ti mesmo?*», enquadra-se na fase de implementação do último Sínodo em que se quer tornar efetiva a sinodalidade como distintivo de uma Igreja missionária e corresponsável.
À luz das pistas para esta fase de implementação, entretanto enviadas a toda a Igreja, podemos falar da urgente conversão sinodal para que não haja apenas uma mera aplicação de diretrizes provenientes de instâncias superiores, mas um processo de receção das orientações expressas pelo Documento final de maneira adequada às culturas locais e às necessidades das comunidades.
Acerca da importância da sinodalidade, disse o Papa Leão XIV: «Sem ela tudo murcha». Daí ter exprimido o desejo de que todas as comunidades «sejam ginásios de fraternidade e participação, não apenas locais de encontro, mas lugares de espiritualidade» que ilumine a ação.
Assim, na nossa Diocese, queremos que a Escola de Formação Cristã de Ouvidoria seja um dos instrumentos de escuta à disposição de todo o povo de Deus, em ordem à leitura das necessidades formativas das comunidades e preparação das respetivas respostas, para assim ampliar as possibilidades de participação e exercício da corresponsabilidade diferenciada de todos os batizados.

I
Definição

1. A Escola de Ouvidoria é uma instância de formação cristã e de auscultação no âmbito da própria ouvidoria que tem como finalidades:

a) Elaborar um projeto local de formação a partir da escuta das necessidades concretas dos diversos setores pastorais e, onde possível, através da prática da "conversação no Espírito", que tem gerado frutos de escuta profunda e discernimento partilhado;
b) promover o processo de educação e crescimento na fé, buscando aprofundar o conhecimento da doutrina, fortalecer a espiritualidade cristã e consolidar a operatividade dos projetos pastorais;
c) promover iniciativas de formação adequadas às necessidades locais;

d) concretizar as recomendações do Conselho Pastoral de Ouvidoria;
e) concretizar os projetos de formação diocesana em estreita colaboração com o Serviço de Coordenação da Formação Diocesana e com os Serviços Diocesanos;
f) fortalecer a espiritualidade cristã, como polos de oração e reflexão;
g) promover o intercâmbio formativo, por meio de planos, recursos e agentes, com outras instâncias locais ou supra ouvidoria.
h) aprofundar o diálogo entre a cultura e fé em colaboração com outras instâncias formativas e culturais locais;

2. Destina-se a todos os fiéis e agentes pastorais, sobretudo aos Conselhos Pastorais, e particularmente aos membros das Associações, Movimentos e Obras Laicais.

II
Constituição

3. As Ouvidorias que ainda não as possuem deverão organizar-se de modo a concretizar oportunamente a sua constituição.

4. A Escola de Ouvidoria terá uma equipa coordenadora, constituída por 3 a 5 elementos, escolhidos pelo Conselho Pastoral de Ouvidoria, no respeito pelos princípios de representatividade territorial e dos carismas e serviços. De entre estes membros deve ser escolhido um coordenador.

5. Deverá incorporar ainda um clérigo, sacerdote ou diácono, que cumpre as funções de assistente espiritual, que será escolhido pelo clero da Ouvidoria ou pelo Conselho Pastoral de Ouvidoria.

III
Relação com o Serviço de Coordenação da Pastoral Diocesana

6. A Escola de Ouvidoria deverá manter uma estreita relação com Serviço de Coordenação da Pastoral Diocesana, pelo que:
a) deverá apresentar uma planificação atempada ao Serviço, antes do início do novo ano pastoral;
b) deverá apresentar, no final do ano pastoral e por escrito, uma avaliação global das suas ações a este Serviço;
c) o Serviço Diocesano da Pastoral deverá promover esta relação por meio de modelos de avaliação.

IV
Durabilidade

7. A Escola de Ouvidoria é uma instância permanente depois de ser instituída.

8. A nomeação dos membros da equipa coordenadora tem a durabilidade de três anos, com a possibilidade de renovação.

V
Natureza das orientações

9. A natureza destas orientações é sobretudo pastoral e poderá ser sujeita a alterações, conforme a sua concretização.

10. As escolas de ouvidoria em funcionamento procurarão adequar-se a estas orientações o mais brevemente possível.

3ª LINHA ORIENTADORA

CONSOLIDAR O PROCESSO OU ITINERÁRIO DIOCESANO DE FORMAÇÃO PERMANENTE

1º OBJETIVO
ESCOLA DIOCESANA DE FORMAÇÃO

A Escola Diocesana de Formação é uma instância formativa do Seminário de Angra e do Serviço de Coordenação da Formação Diocesana que tem como missão proporcionar uma formação cristã sólida e aprofundada, que capacite os fiéis a compreender, viver e testemunhar a sua fé de forma consciente e esclarecida. Pretende, assim, oferecer aos cristãos as ferramentas necessárias para que possam dar razões da sua esperança (cf. 1Pd 3,15), contribuindo para uma vivência mais madura e comprometida da fé no seio da comunidade eclesial e na sociedade.

A presente proposta formativa dirige-se a fiéis leigos que desejam assumir um compromisso pastoral mais consciente, fundamentado e eficaz, ou que simplesmente almejam aprofundar a vivência da fé cristã. Por meio de uma abordagem teológica, bíblica, litúrgica e pastoral, visa-se proporcionar instrumentos de reflexão crítica e madura, favorecendo uma participação ativa, esclarecida e responsável na vida e missão da Igreja.

Neste âmbito, a Escola disponibiliza três modalidades formativas distintas, que procuram responder às diferentes necessidades, vocações e ritmos dos seus alunos:

CURSO BÁSICO DE TEOLOGIA

O Curso Básico de Teologia constitui uma proposta formativa fundamental da Escola Diocesana de Formação, destinada a todos os fiéis que desejem aprofundar o conhecimento da fé cristã de forma estruturada, rigorosa e pastoralmente enraizada. Dirige-se, em particular, a leigos comprometidos na vida das comunidades, a catequistas, agentes pastorais, membros de movimentos e serviços da Igreja, bem como a todos os que, movidos por um desejo sincero de compreender melhor o mistério de Deus, procuram crescer na maturidade da fé.

Mais do que uma simples transmissão de conteúdos doutrinais, o Curso Básico de Teologia pretende promover uma formação integral, que conjugue o saber teológico com a experiência de fé, o aprofundamento intelectual com a vivência espiritual, e o conhecimento com o serviço à comunidade eclesial.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

REQUISITOS: Recomenda-se que o participante tenha o 3º ciclo (9º ano);
DURAÇÃO: O curso tem a duração de 3 anos (6 semestres);
LUGAR: As aulas decorrem no Seminário de Angra;
AULAS: Cada disciplina tem frequência semanal (duração de 90 min);
Modalidade: As aulas podem ser assistidas de forma presencial, online ou assíncrona (gravada);
AVALIAÇÃO: Todos os cursos têm uma avaliação final.

PROGRAMA DE ESTUDOS (1º ANO)

CURSOS OBRIGATÓRIOS

Filosofia da Religião (1º semestre)
Introdução à Sagrada Escritura (1º semestre)
Introdução à Teologia (2º semestre)
Antigo Testamento (2º semestre)

CURSOS OPCIONAIS

Documentos do Magistério (1º semestre)
História das Religiões (1º semestre)
Psicologia da Religião (2º semestre)
Fé e Ciência (2º semestre)

FORMAÇÃO PARA OS MINISTÉRIOS LAICAIS

Os ministérios laicais são serviços estáveis instituídos pela Igreja, confiados a fiéis leigos que, mediante uma adequada preparação e discernimento, são chamados a colaborar de forma ativa e responsável na vida litúrgica e pastoral da comunidade cristã. Para o exercício frutuoso e digno destes ministérios, é essencial uma formação específica e cuidada, que permita aos candidatos compreender a natureza eclesial do serviço que lhes é confiado, aprofundar o seu sentido espiritual e litúrgico, e adquirir competências práticas adequadas ao desempenho das suas funções.

Mais do que uma simples capacitação técnica, esta proposta pretende cultivar uma espiritualidade do serviço, ajudando cada candidato a viver o seu ministério como expressão do seu compromisso batismal e da sua disponibilidade para o bem da comunidade.

REQUISITOS OBRIGATÓRIOS

REQUERIMENTO: O requerimento, livremente escrito e assinado pelo aspirante, que há de ser apresentado ao Bispo Diocesano, a quem compete a aceitação;
CARTA DE RECOMENDAÇÃO: A apresentação feita pelo Pároco ou Superior(a) da comunidade;
IDADE MÍNIMA: A idade conveniente e os dotes peculiares, conforme estabelecido pela Conferência Episcopal Portuguesa é de 25 anos;
DISPOSIÇÃO INTERIOR: A vontade firme de servir fielmente a Deus e ao povo cristão.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

REQUISITOS: Recomenda-se que o participante tenha o 3º ciclo (9º ano);
DURAÇÃO: O curso tem a duração de 2 anos (4 semestres);
LUGAR: As aulas decorrem no Seminário de Angra;
AULAS: Cada disciplina tem frequência semanal (duração de 90 min);
Modalidade: As aulas podem ser assistidas de forma presencial ou online;
AVALIAÇÃO: Todos os cursos têm uma avaliação final.

PROGRAMA DE ESTUDOS

1º ANO

Introdução à Sagrada Escritura (1º semestre)
Introdução à Teologia (2º semestre)

2º ANO

Jesus Cristo: História e Teologia (1º semestre)
Ministérios (2º semestre)

CURSOS OPCIONAIS

Iguais aos opcionais do Curso Básico.

CURSO LIVRE

O Curso Livre constitui uma modalidade formativa flexível e personalizada, pensada para acolher todos aqueles que desejam aprofundar o seu conhecimento da fé cristã de forma gradual, livre e adaptada aos seus interesses, disponibilidade e percurso pessoal.

Nesta modalidade, é o próprio aluno quem escolhe os módulos ou unidades formativas que pretende frequentar, dentro da oferta disponibilizada pela Escola Diocesana de Formação. Pode optar por áreas como Sagrada Escritura, Liturgia, Teologia Moral, História da Igreja, Doutrina Social da Igreja, Espiritualidade, entre outras. A frequência dos cursos não pressupõe a conclusão de um plano fixo, nem exige qualquer ordem sequencial obrigatória.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

REQUISITOS: Recomenda-se que o participante tenha o 3º ciclo (9º ano);
LUGAR: As aulas decorrem no Seminário de Angra;
AULAS: Cada disciplina tem frequência semanal (duração de 90 min);
MODALIDADE: As aulas podem ser assistidas de forma presencial, online ou assíncrona;
AVALIAÇÃO: Todos os cursos têm uma avaliação final.

PROGRAMA DE ESTUDOS

Pode inscrever-se em qualquer curso do ano académico (obrigatório ou opcional)

AULAS

Cursos Obrigatórios:
Quartas-feiras: 20h00-21h30
Sábados: 10h00-11h30

Cursos Opcionais:
Segundas-feiras: 20h00-21h30
Terças-feiras: 20h00-21h30
* Horários sujeitos a alterações.
** Mínimo de alunos para abertura de curso: 10 alunos

PREÇÁRIO

Curso Básico de Teologia
Total dos 3 anos (6 semestres): 380€
Preço de inscrição: 20€
Preço por semestre: 60€
Cursos opcionais: 30€ (cada)

Ministérios Laicais
Total dos 2 anos (4 semestres): 180€
Preço de inscrição: 20€
Preço por semestre: 40€
Cursos opcionais: 30€ (cada)

Curso Livre
Preço da inscrição: 20€
Preço por curso: 30€

O pagamento pode ser feito na totalidade ou semestralmente.
Pagamentos por transferência bancária.

INSCRIÇÕES
1 de março a 31 de maio 2026

INÍCIO DO ANO ACADÉMICO
19 de setembro de 2026

CONTATO
escola.formacao@diocesedeangra.pt

ESCOLA DIOCESANA DE FORMAÇÃO

DIOCESE DE ANGRA

ANO ACADÉMICO 2026/2027

- TEOLOGIA
- BÍBLIA
- LITURGIA
- FILOSOFIA
- HISTÓRIA DA IGREJA
- PASTORAL

bitly

INSCRIÇÕES DE
1 DE MARÇO
A **31 DE MAIO**

INÍCIO DO ANO
19 DE SETEMBRO

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

(+351) 962 520 147

Rua do Palácio, 33

formacao.diocesedeangra.pt

2º OBJETIVO

CATEQUESES PARA O POVO DE DEUS

Catequese 1

Quem sou eu diante de Deus? A sede de Deus e a identidade batismal

«*Todos vós que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo*.»

(Gl 3,27)

O Batismo é muito mais do que um simples rito de entrada na Igreja — é um renascimento espiritual. Pela água e pelo Espírito Santo, somos purificados do pecado, recebemos a vida nova em Cristo e somos incorporados à Sua Igreja. São Paulo Lembra-nos que, pelo Batismo, nos "revestimos de Cristo". Isso significa que carregamos em nós a dignidade de filhos e filhas de Deus, chamados a viver como Ele viveu, refletindo o Seu amor no mundo.

Cristão, que dizes de ti mesmo?

«Reconhece, ó cristão, a tua dignidade» (São Leão Magno, Sermo 21, 3).

A nossa vida, marcada por dúvidas, inquietações e desejos profundos, é uma incessante busca de sentido. O coração humano anseia por algo que o transcenda, por um Amor que não passa, por uma Verdade que ilumine cada passo. Santo Agostinho expressou essa realidade com palavras que continuam a tocar cada geração: "Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti." Esta inquietação, longe de ser um defeito, é uma bênção: é o sinal de que fomos criados para algo maior.

1. A Inquietação do Coração Humano – Uma Sede de Infinito

Desde os primórdios da humanidade, o ser humano sente em si uma sede de infinito. Numa sociedade marcada pelo ruído, pelas promessas vazias e por um individualismo crescente, muitos se veem perdidos, desorientados, procurando a sua identidade em títulos, no que vão acumulando ou no reconhecimento que lhe é dedicado nas redes sociais. No entanto, nenhum sucesso, bem ou reconhecimento humano é capaz de preencher o vazio do coração.

Esta sede revela que fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Somos feitos para o amor, para a comunhão, para a eternidade. É esta a voz interior que nos convida a ir ao encontro de Quem nos criou. E é aqui que se revela o mistério maravilhoso da fé cristã.

2. A Revelação: Deus Fez-Se Um de Nós

A boa nova que celebramos como cristãos é esta: Deus não ficou indiferente à nossa busca. Ele mesmo veio ao nosso encontro. Em Jesus Cristo, Deus fez-Se um de nós. Assumiu a nossa humanidade, experimentou as nossas alegrias e dores, caminhou ao nosso lado. Não somos nós que alcançamos a Deus com o esforço da nossa razão ou das nossas obras; é Deus que Se revela ao homem, em amor gratuito e incondicional.

Cristo é a resposta ao anseio mais profundo do coração humano. Ao olhar para Ele, não vemos apenas um mestre ou um exemplo moral. Vemos o próprio Deus, que nos mostra quem somos verdadeiramente: filhos amados do Pai. Jesus é o espelho onde se revela a verdade da nossa existência.

3. O Batismo: Nascimento para uma Nova Identidade

É no batismo que esta verdade se torna concreta na vida de cada um de nós. Pelo batismo, somos mergulhados na morte e ressurreição de Cristo (cf. Rm 6,3-4). Este não é um rito simbólico ou uma simples tradição social. É um acontecimento real, que transforma ontologicamente o ser humano. No batismo, deixamos de viver para nós mesmos e começamos a viver "em Cristo".

Aqui está a nossa maior dignidade: somos novas criaturas, regenerados pela água e pelo Espírito Santo. Recebemos uma identidade que o mundo não pode dar nem tirar: somos filhos no Filho, participantes da vida divina, herdeiros do Reino.

Quantos de nós esquecemos esta realidade batismal? Vivemos como se o batismo fosse apenas um acontecimento do passado, sem implicações na vida presente. No entanto, redescobrir a nossa identidade batismal é redescobrir o sentido da vida, o lugar no mundo e a missão no coração da Igreja.

4. Filhos no Filho: A Dignidade de Ser Filho de Deus

Ser batizado significa viver como filho. Esta filiação é dom, não é conquista. Deus Pai, por pura graça, acolhe cada um como filhos em Cristo. Isso significa que não somos órfãos, não estamos abandonados neste mundo. Temos um Pai que nos ama eternamente, um irmão que deu a vida por nós, e um Espírito que habita em nós e, em nós, clama: "Abbá, Pai!" (cf. Rm 8,15).

Esta filiação é também o fundamento da nossa fraternidade. O batismo torna-nos a todos irmãos, numa fraternidade nova, verdadeiramente católica, sem fronteiras, raças ou privilégios. Não somos cristãos isolados, mas membros de um mesmo Corpo: a Igreja.

5. O Povo de Deus em Caminho Sinodal

O batismo insere-nos no povo de Deus. Um povo peregrino, em constante caminho, chamado à comunhão, à participação e à missão. Este é o espírito do caminho sinodal que a Igreja vive hoje: redescobrir juntos o rosto comunitário da fé, ouvir o Espírito que fala através de cada batizado, discernir os caminhos que Deus nos convida a trilhar.

Ser povo de Deus não é apenas pertencer a uma instituição religiosa. É ser parte ativa de um corpo vivo, em que cada membro tem uma vocação única e insubstituível. Somos chamados a caminhar juntos, escutando-nos uns aos outros, apoiando-nos, corrigindo-nos com amor, celebrando juntos a fé.

A sinodalidade nasce do batismo: todos temos a mesma dignidade, e todos somos responsáveis pela missão da Igreja no mundo.

6. Vocação à Santidade: Ser Luz no Mundo

Por fim, o batismo chama-nos à santidade. Ser santo não é privilégio de poucos, mas a meta de todos os batizados. Santo é aquele que vive plenamente a sua identidade de filho de Deus, no amor, na justiça, na verdade. A santidade não é perfeccionismo, mas entrega confiante à vontade do Pai, imitando Cristo no cotidiano.

Na vida familiar, no trabalho, na sociedade, cada cristão é chamado a ser luz do mundo e sal da terra (cf. Mt 5,13-16). A santidade é vivida nos gestos simples de todos os dias: perdoar, escutar, servir, ser honesto, amar sem esperar retorno. Vivendo a nossa identidade batismal, transformamos o mundo. Sem fugir do mundo, assumindo a nossa história, onde o Espírito quer continuar a fazer maravilhas, para ser testemunha de um amor maior.

Conclusão: Redescobrir o Dom Recebido

A inquietação do nosso coração encontra resposta em Cristo. No batismo, Deus oferece-nos uma nova identidade: filhos no Filho, membros do seu povo, peregrinos de esperança. Redescobrir esta dignidade é o primeiro passo para viver com sentido, com alegria e com missão.

Questões para reflexão e diálogo:

Perguntemo-nos hoje:

1. Tenho vivido como batizado?
2. Reconheço-me como filho amado de Deus?
3. Sinto-me parte ativa da Igreja em caminho?
4. Desejo a santidade?

O Senhor convida-nos a viver a partir da nossa verdadeira identidade. Que Maria nos ajude a acolher com fé e alegria este dom imenso: ser cristãos, filhos amados do Pai, enviados ao mundo para amar.

Pedro Brito

Catequese 2

Quem sou eu na Igreja?
O cristão e o mistério da Igreja

«*Pois tal como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, são um só corpo, assim também sucede com Cristo. De facto, todos nós – judeus e gregos, escravos e homens livres – fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo, e a todos nos foi dado a beber um só Espírito. Com efeito, o corpo não é constituído por um só membro, mas por muitos*.»
(1 Cor 12, 12-14)

1. Ser comunidade: o homem não é uma ilha

O conceito de «pessoa» é determinante para compreender o desejo de comunhão e a experiência de comunidade concretizada na pertença à Igreja. Mas o que entendemos por pessoa? No século VI, o filósofo Boécio definiu como «substância individual de natureza racional», sendo a pessoa caracterizada pela individualidade, racionalidade e irrepetibilidade.

Com a redescoberta das fontes do Cristianismo, apresenta-se a ideia de «pessoa» tendo como horizonte o próprio Deus: abertura ao outro e comunicabilidade. O grande pensador cristão Tertuliano no século II encontrou o termo «Trinitas» para referir-se ao rosto novo de Deus e «persona» para referir-se à realidade distinta de cada um da Trindade. O conceito de pessoa possui na sua génese a ideia de relação, de um eu, um tu e um nós (M. Buber e E. Lévinas). A pessoa biblicamente falando é um ser teologal, social, cósmico e histórico. Porque vive na história, o ser humano é chamado, isto é, tem uma vocação à comunhão, pois Deus é Comunhão e Comunidade. Na Gaudium et Spes (GS,3) encontramos a dupla vocação humana: ao sobrenatural e à fraternidade.

2. Chamados à comunhão: a Igreja como povo de Deus

A Igreja é no Novo Testamento *ekklesia* e no Antigo *quahal*: ambos significam assembleia ou reunião, aqueles que foram convocados. Assim, cada cristão é um chamado (vocacionado) à assembleia. Os discípulos são chamados segundo o nome pascal de Jesus: cristãos (cf. At 11, 26; 26, 28).

Este tema do Povo de Deus, que se encontra na Lumen Gentium (LG), antes do capítulo sobre a constituição hierárquica da Igreja, é como que a «revolução copernicana» conciliar, cuja base assenta na ideia do sacerdócio comum ou sacerdócio universal. «Antes de qualquer diferença – de vocações, ministérios ou estados de vida – entre os membros da Igreja vem a comum dignidade da regeneração em Cristo; antes das funções vem a radical igualdade de todos os batizados; o título maior de dignidade na Igreja torna-se finalmente ser filho de Deus» (D. Vitali). Todos, baptizados, chamados a servir, ser oferta vida, entregar-se por Cristo no quotidiano.

3. O cristão, membro vivo do Corpo de Cristo

A eclesiologia clássica, que vigorava numa mentalidade anterior, identificava a Igreja com a Hierarquia, na qual os membros do clero seriam os «atores» e os leigos «os figurantes». Depois de quatro séculos de silêncio sobre a doutrina que nos é apresentada, como mecanismo de defesa contra o protestantismo, a Igreja perdeu um precioso património que o Vaticano II recuperou. Em cada membro do Povo de Deus e não apenas nos presbíteros e membros ordenados, Cristo quer continuar a sua missão. A Igreja, «sacramento de Cristo», é sinal e instrumento da íntima união com Deus e de unidade de todo o género humano (LG 1). Por isso, cada cristão é «sinal» do «mistério» (sacramentum) de Cristo, cujo missão evangelizadora deve levar a força do Evangelho ao coração da cultura, caracterizada pela diversidade e pluralidade.

4. A Igreja como Templo do Espírito

A Igreja possui uma dimensão cristológica mas também uma origem pneumatológica. Neste sentido, é prioridade encarar a Igreja como sacramento do Espírito, a partir de dois elementos que lhe conferem toda a riqueza: a Ressurreição e o Pentecostes. O mesmo Espírito que ressuscitou Jesus de entre os mortos e lhe conferiu um «corpo ressuscitado» (realidade pneumática) e que desceu sobre os Doze tornando-os Apóstolos e fundadores de comunidades eclesiais é o mesmo Espírito que gera, guia e discerne a Igreja no presente desde a evangelização à sua própria estrutura organizativa e ministerial. A dimensão dinâmica e funcional, a partir do Espírito de Cristo, define-se em carismas.

Os carismas são entendidos em linguagem paulina como serviços, com o intuito de atender às diversas necessidades, seja o serviço da misericórdia (1 Cor 12, 9), da exortação (Rm 12, 8), das curas e milagres (1 Cor 12, 9) ou de ensinar, dirigir e discernir (1 Cor 12, 10; Ef 4, 11). O carisma estabelece a função concreta que cada um desempenha na comunidade e nenhum membro permanece fora desta dinâmica. Por fim, carisma é o «chamamento que Deus dirige a cada um para um determinado serviço na comunidade, tornando-o apto para esse mesmo serviço» (H. Küng).

5. A Igreja como mãe, mestra e serva

A Igreja, que deriva de Jesus, tem uma estrutura hierárquica fundamental, cuja raiz se encontra nos Apóstolos, do qual se destaca Pedro. Deveremos distinguir a sua estrutura (cuja fonte histórica está em Jesus e na Igreja primitiva) da sua organização. Pelo manancial da história da Igreja vemos como a estrutura pode organizar-se de diversos modos, talvez por isso o desafio hoje de descer da «autoreferencialidade» (Papa Francisco). A Igreja tem memória, olha por meio do Espírito Santo para o evento salvífico de Jesus de Nazaré que a fez nascer, vive-o no presente e transmite-o à comunidade. É nutrida pelo Magistério.

Mas vemos como Jesus não determinou todos os procedimentos, mas dotou a Igreja de uma certa autonomia, não guiada pelo livre-arbítrio ou da sua vontade, mas da ação do Espírito Santo que revela e atualiza a Divina Revelação – Escritura e Tradição viva (cf. Dei Verbum 7). A Liturgia ocupa um lugar central: é formada por duas palavras gregas - *laós* (povo) e *ergon* (ação/trabalho) -«obra do povo» ou «serviço em favor do povo». Pelo Batismo, somos todos protagonistas da ação de Cristo em favor de todos, na libertação e na promoção de uma vida digna comum a todos os «filhos de Deus».

Por fim, em ano jubilar não podemos esquecer que a Igreja caminha em ordem ao futuro escatológico, à realização do Reino de Cristo, como povo peregrino que caminha na história com um horizonte de esperança.

Questões para reflexão e diálogo:

1.Tendo consciência que o Batismo me insere numa comunidade viva que é a Igreja, cuja vocação é a Comunhão e o Serviço, qual é o meu lugar?

2.Que carismas e dons Deus me confiou para colocar ao serviço da Igreja? E reconheço e valorizo os dons do outro dentro da comunidade?

3.A pertença à Igreja é vivida em comunidade e implica toda a minha pessoa no Corpo da Igreja ou é um “hobbie” / estrutura individual para realização pessoal?

Pe. Pedro Silveira Lima

Catequese 3

QUEM SOU NO MUNDO: O CRISTÃO COMO TESTEMUNHA E ENVIADO

Disse-lhes Jesus: «A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe. Ide! Envio-vos como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa, nem alforge, nem sandálias; e não vos detenhais a saudar ninguém pelo caminho. Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: 'A paz esteja nesta casa!'»

(Lc 10, 2-5)

Quando os discípulos são enviados, têm consciência do trabalho árduo e delicado que lhes foi entregue por Jesus. É a consciência de que, sem o auxílio do Espírito, a sua missão, mais do que impossível é inútil. Deve ser, pois, acompanhada por um consistente espírito de oração e de confiança. A missão é tão urgente, o caminho tão longo que Jesus lhe indica que não devem levar nada de supérfluo, nada que impeça de caminhar, que os distraia, que os acomode. Finalmente, são os portadores da Paz de Jesus.

1. Escutar as vozes do Mundo

O primeiro dever do cristão missionário é a escuta. Escutar é conhecer. O mundo de hoje apresenta-nos sinais de rápida transformação que, há uns anos, nem sequer eram notados. Fixemos alguns – de entre muitos – sinais mais visíveis do nosso tempo:

- Há um desenvolvimento tecnológico exuberante, com a chegada da inteligência artificial generativa e todos os desafios que ela coloca. Acresce que a era do digital está transformando o ser humano, redefinindo códigos de conduta, incrementando mudanças sociais.
- Verifica-se um recrudescimento da violência e da guerra, de tensões ditatoriais em países democráticos, a ausência do diálogo, o desprezo pelo conceito de verdade, a gritante falta de solidariedade para com países e povos desfavorecidos são um doloroso sinal do nosso tempo.
- Acresce a impetuosidade do fenómeno “woke”, uma espécie de vitória da “fragilidade”, sinal claro do fim de uma época, marcada pelo existencialismo pós-moderno.
- Grandes questões sociais baterão às portas da Igreja e ela deve abri-las. As catástrofes adjacentes à emergência climática, a pobreza cada vez mais profunda em várias regiões do Planeta.

- Como Igreja nos Açores, devemos também pensar nos sinais que, mais de perto, nos atingem. E não podíamos deixar de referir, em primeiro lugar, a nossa pobreza endémica. Neste campo, e apesar de muitos esforços, a Igreja ainda tem muitos passos a dar, no sentido de se tornar pioneira no combate à pobreza e no amor incondicional ao pobre.

- A dispersão das ilhas, que formam idiossincrasias culturais, sociais religiosas bem diferentes é também um desafio que precisa de novas ideias para ser enfrentado.

- A piedade popular do açoriano é uma das suas dimensões mais belas e menos exploradas. Este é um dos temas em que a Igreja, em vez de impor, deve escutar.

Perante estes e outros sinais dos tempos, evitemos a autorreferencialidade, que é a atitude de quem, julgando-se na verdade, se deixa envaidecer por esse senhorio e não dialoga com o outro, porque só o outro é que precisa salvar-se, eu já estou salvo.

2. Vocação batismal: uma Igreja em saída

Há uma linha de orientação clara no pontificado do Papa Francisco, que ele já mostrava antes de ser eleito: a ideia de uma "Igreja em saída". Igreja em saída significa que o centro não está em si, está no outro: se os discípulos, no dia do Pentecostes, saíram do Cenáculo é porque a Igreja não se realizava lá, no seu medo e na sua autorreferencialidade.

A vocação batismal é o chamamento universal à santidade e à missão que todo o cristão recebe pelo sacramento do batismo. É o fundamento de todas as outras vocações dentro da Igreja. O batismo capacita-nos para participar na missão sacerdotal, profética e real de Cristo.

A Constituição conciliar *Lumen Gen*tium, ao definir a Igreja como Povo de Deus, refere o Batismo como seu sacramento identificador. É, pois, no nosso Batismo que radica a natural propensão para o envio, a saída e a missão. Mas que missionários? Que novos rumos para a missão? A pastoral atual fala muito em ambientes: a cultura, o trabalho, a família, o ensino, as redes sociais, etc. É aí que somos chamados a ser uma presença constante e dialogante. Sucintamente é isto: sejamos missionários onde quer que estejamos.

3. Uma Igreja que abre as portas

Outra característica da missão evangelizadora da Igreja é deixar entrar. Cenários como a parábola do Pai Misericordioso ou o encontro com Zaqueu são lições impressionantes sobre a atitude essencialmente misericordiosa de Jesus e do Pai que Ele revelou. É a alegria do encontro com Jesus – e não o "espírito alfandegário" – que convertem verdadeiramente. É claro, no Evangelho que a conversão é essencialmente adesão à pessoa de Jesus: é urgente sublinhar a centralidade de Jesus.

- Neste tema, os pobres são, infelizmente, os grandes excluídos da Igreja. O certo é que, à maneira de Jesus, o cristão não pode deixar de amar preferencialmente os pobres. A categoria "pobre", sendo universal, reveste-se de um matiz essencialmente pessoal e relacional. Há muito que a pobreza deixou de ser uma categoria exclusivamente económica.

- Há que reavivar, nos cristãos, o "ministério" da denúncia. Não temos o direito de ficar calados diante de injustiças sociais que bradam aos céus e que Deus escuta e nós não ouvimos.

- Há que reativar processos de presença dos cristãos nos lugares de pobreza. «*Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos…*» (Lc 14,13) enfim, os excluídos.

- Depois é preciso deixar-nos "evangelizar" por eles. O que esses pobres nos têm a ensinar? A experiência que nós não temos, a sua pobreza que não conhecemos, a nossa pobreza que rejeitamos, a pobreza da igreja que é um imperativo: aprender a ser pobres com os pobres é uma exigência evangélica.

- Anunciar Jesus com a vida e com a palavra. É exatamente dos excluídos que Jesus fala: «*Os cegos veem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa-Nova é anunciada aos pobres*» (Mt 11, 15).

- Nunca se abandone o diálogo e o encontro. Até aos que, por várias razões, se autoexcluem, sobretudo por razões ideológicas, há que não cortar o canal de comunicação. Todos somos filhos de Deus e este é o ponto de partida.

4. Espiritualidade e missão

Como sarmento ligado à vide, o cristão é intimamente missionário e orante. As duas realidades não se podem separar sob pena de uma revoltante falta de testemunho.

- A missão começa pelos joelhos. O "martalismo" é duplamente negativo: torna-se num ativismo inútil; e é sinal de falta de confiança no Espírito Santo.

- Os primeiros objetos da evangelização seremos, sempre, nós, os anunciadores de Jesus.

- A Cruz não é apenas o costumeiro lugar do sofrimento das chagas de Cristo, mas é o último ato de doação total de Deus ao homem.

- É a essa alegria, bem cimentada na aprendizagem, na oração, na escuta da Palavra, na vivência vibrante da Eucaristia como Pão e Vida, que podemos dar o nome de anúncio.

Questões para reflexão e diálogo:

1. A minha vida é testemunho visível do Evangelho?
2. Como posso converter o meu caminho para Jesus todos os dias?
3. Em que ambiente ou ambientes sou chamado a ser testemunha do Evangelho?
4. Saber acolher o outro é uma exigência que Jesus nos deixou: como promover uma pastoral do acolhimento?

Pe. José Júlio Mendes Rocha

CALENDÁRIO DIOCESANO

5

Adenda prévia ao calendário:

-Este calendário inclui apenas as ações que chegaram ao conhecimento do Serviço de Coordenação da Pastoral Diocesana, salvo qualquer possível falência informática.

-As informações aqui constantes são da responsabilidade de quem as forneceu. O suprarreferido Serviço não se responsabiliza por eventuais alterações, bem como por eventuais erros gráficos ou omissões de carácter acidental.

Calendário Diocesano
Ano Pastoral 2025/2026

SETEMBRO

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	Festa do Senhor Santo Cristo – Caldeira – São Jorge
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	Aniversário natalício do Papa Leão XIV Festa de Nossa Senhora dos Milagres - Serreta
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	Diálogos no Tempo: «A esperança na amizade social e na Fraternidade Universal» - Flores
27	
28	
29	
30	

OUTUBRO

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	
5	Dia Mundial do Migrante e do Refugiado Jubileu da OFS - Angra
6	
7	Início da Escola Bíblica – "Leitura do Livro Atos dos Apóstolos: O Espírito Santo faz nascer a Igreja" - Angra do Heroísmo
8	
9	
10	Acampamento com Maria– Vila Franca do Campo
11	Encontro com os Missionários da Consolata – Vila Franca do Campo
12	
13	Terço Missionário pela paz – Vila Franca do Campo
14	
15	
16	
17	
18	Dia Nacional dos Bens Culturais da Igreja Jornadas Nacionais de Catequistas – Fátima (até dia 19) Encontro de comunidade – Movimento dos Focolares Ação de sensibilização - Os Bens Temporais da nossa Igreja – Vila Franca do Campo
19	Dia Mundial das Missões/Jubileu das Missões Jubileu dos Religiosos (até dia 24) – Angra e Ponta Delgada
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	Jornadas de Canto Litúrgico – Serreta (até dia 30)
28	
29	
30	
31	

NOVEMBRO

Dia	Ação
1	Solenidade de Todos os Santos Atividade “Santos todos” – Vila Franca do Campo
2	Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos
3	491º aniversário da Diocese de Angra Início da Escola de Formação Cristã de Ouvidoria – Vila Franca do Campo
4	
5	
6	Cursilho de homens – MCC – Angra (até dia 9)
7	
8	Caminhada de Oração pela Paz com as Famílias – Vila Franca do Campo
9	Aniversário da fundação do Seminário Episcopal de Angra Festa de Nossa Senhora da Paz – Vila Franca do Campo
10	
11	Escola Bíblica – Angra do Heroísmo
12	Semana da Ouvidoria da Lagoa (até dia 16)
13	Cursilho de senhoras – MCC - Angra (até dia 16)
14	Diálogos no Tempo: «A Esperança nos Santos ao pé da porta»
15	Encontro Nacional das ENS - Fátima (até dia 16)
16	Dia Mundial dos Pobres
17	Semana Bíblica – Ribeirinha – S. Miguel (até dia 21)
18	Encontro presencial de Ouvidores – Centro Pastoral Pio XII (até dia 19)
19	
20	
21	
22	Jubileu da música Vigília de Oração - ENS- Vila Franca do Campo
23	Solenidade de Cristo Rei Dia Mundial da Juventude/Jubileu da Juventude Ordenação diaconal
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	I Domingo do Advento Retiro do Advento – OFS - Angra

DEZEMBRO

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	
5	Festa de Natal – MCC – S. Miguel
6	
7	Reflexão de Advento – CIRP – São Miguel
8	Imaculada Conceição
9	Escola Bíblica – Angra do Heroísmo
10	
11	
12	Recoleção de Advento – MCC - Angra
13	Festa de Natal – Movimento dos Focolares
14	Aniversário da Ordenação Episcopal do Papa Leão XIV Capítulo Regional - OFS - Angra
15	
16	Aniversário da Ordenação Episcopal de D. Armando Domingues
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	Natal do Senhor
26	
27	Missa das famílias – MCC – Angra
28	Festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José Término do ano Santo nas Igrejas Particulares Oração e Bênção das Famílias e oferta da Sagrada 'Luz de Belém' a partir de Água d'Alto – Vila Franca do Campo
29	
30	

JANEIRO

Dia	Ação
1	Santa Maria Mãe de Deus – Dia Mundial da Paz
2	
3	
4	Epifania do Senhor Celebração da Infância Missionária
5	
6	Término do ano Santo em Roma
7	Escola Bíblica – Angra do Heroísmo
8	Cursilho de homens – MCC – S Miguel (até dia 11)
9	
10	
11	Batismo do Senhor
12	
13	
14	
15	Aniversário da tomada de posse e entrada solene de D. Armando Domingues Santo Amaro (Memória obrigatória na Diocese de Angra) Cursilho de senhoras – MCC – S. Miguel (até dia 18)
16	
17	
18	Início do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos
19	Seminário de Vida Nova – Renovamento Carismático Católico – S. Miguel (até dia 23) Retiro do Clero - S. Miguel (até dia 23)
20	Início do CMP - Vila Franca do Campo.
21	
22	
23	
24	Formação - O Perfil do Professor de EMRC: Espiritualidade e Dimensão Eclesial – Ponta Delgada
25	Domingo da Palavra de Deus Conclusão do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos Narrativa do Evangelho do Ano – Vila Franca do Campo
26	Retiro do Clero – Terceira (até dia 30) Início da Semana da Vida Consagrada (até dia 2 de fevereiro)
27	
28	
29	
30	
31	

FEVEREIRO

Dia	Ação
1	Celebração do Consagrado – CIRP – São Miguel Missão País - terceiro ano de Evangelização - Vila Franca do Campo (Até dia 8)
2	Apresentação do Senhor – Dia do Consagrado
3	Jornadas da Catequese – Vila Franca do Campo (até dia 5)
4	
5	
6	
7	
8	
9	Conselho Presbiteral e encontro de Ouvidores – Terceira (até dia 11)
10	
11	Nossa Senhora de Lurdes, padroeira do cabido da Catedral Dia Mundial do doente
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	Quarta-feira de cinzas – Início da Quaresma
19	
20	
21	Retiro aberto a toda a comunidade – Renovamento Carismático Católico – S. Miguel
22	
23	Semana Bíblica – Faial, Pico e Terceira (até dia 27 de fevereiro)
24	
25	
26	
27	
28	Encontro com crianças da catequese – Movimento dos Focolares – Ribeira Grande

MARÇO

Dia	Ação
1	Reflexão Quaresmal – CIRP – São Miguel
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	Dia Nacional da Cáritas
9	
10	Aniversário natalício de D. Armando Domingues Formação sobre a inteligência artificial - CIRP – São Miguel Escola Bíblica – Angra do Heroísmo
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	Solenidade de São José Dia do Pai
20	
21	
22	
23	
24	Festa da Páscoa - MCC – S. Miguel
25	Solenidade da Anunciação do Senhor
26	
27	
28	
29	Domingo de Ramos na Paixão do Senhor
30	
31	

ABRIL

Dia	Ação
1	
2	Ceia do Senhor
3	Sexta-feira da Paixão do Senhor
4	Sábado Santo
5	Domingo de Páscoa da Ressurreição
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	Domingo da Divina Misericórdia
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	Dia da Disciplina de EMRC – Vila Franca do Campo
25	Dia de Espiritualidade com os Sextos Anos de Catequese da Ouvidoria – Vila Franca do Campo
26	Domingo do Bom Pastor Dia Mundial de Oração pelas vocações
27	
28	
29	
30	Conselho Pastoral Diocesano - Centro Pio XII (até dia 2 de maio)

MAIO

Dia	Ação
1	Manhã Eucarística com os Terceiros Anos de Catequese da Ouvidoria – Vila Franca do Campo
2	
3	Dia da Mãe
4	
5	Escola Bíblica – Angra do Heroísmo
6	
7	
8	Aniversário da eleição do Papa Leão XIV
9	
10	Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres – Ponta Delgada
11	
12	
13	Nossa Senhora do Rosário de Fátima
14	
15	
16	Assembleia Diocesana – Renovamento Carismático Católico – S. Miguel
17	Domingo da Ascensão do Senhor Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social Festa da Família da Ouvidoria – Vila Franca do Campo
18	
19	
20	
21	
22	Solenidade do Beato João Batista Machado
23	Santa Rita de Cássia (Memória obrigatória na Diocese de Angra)
24	Solenidade de Pentecostes Vigília de Pentecostes – Renovamento Carismático Católico – S. Miguel
25	
26	
27	
28	
29	Escola Bíblica – Angra do Heroísmo
30	
31	Domingo da Santíssima Trindade

JUNHO

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo
5	
6	
7	
8	
9	Escola Bíblica – Angra do Heroísmo
10	
11	
12	Solenidade do Sagrado Coração de Jesus
13	Encontro de encerramento do ano Ideal – Movimento dos Focolares
14	Ordenação presbiteral
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	Solenidade do Nascimento de São João Batista
25	
26	
27	
28	Convívio das comunidades religiosas – CIRP – S. Miguel
29	Solenidade dos Santos Pedro e Paulo
30	

JULHO

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	Dia Mundial dos Avós e dos Idosos
27	
28	
29	
30	

AGOSTO

Dia	Ação
1	
2	
3	
4	
5	
6	Transfiguração do Senhor – Titular da Igreja Catedral Festa do Senhor Bom Jesus Milagroso - Pico
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

ANEXOS

6

Ao serviço da comunhão e da missão: apresentação das linhas orientadoras da Equipa Sinodal da Diocese de Angra

A Equipa Sinodal Diocesana é a expressão concreta da corresponsabilidade de todo o Povo de Deus na vida e missão da Igreja nos Açores.

Constitui um organismo de escuta, discernimento e promoção do caminho sinodal, em comunhão com o Bispo de Angra, promovendo a receção pastoral da sinodalidade na Igreja diocesana.

Enraizada na renovação eclesiológica do Concílio Vaticano II, concretizada por São Paulo VI com a instituição do Sínodo dos Bispos e aprofundada pelo Papa Francisco, esta missão quer envolver toda a comunidade diocesana - presbíteros, diáconos, leigos, religiosos, jovens, movimentos e grupos pastorais - num caminho de comunhão, participação e missão. Este trabalho de fundo, vivido em conjunto e de forma prática, é denominado "caminho sinodal".

Esta Equipa inscreve-se na peregrinação espiritual iniciada com a XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos sobre a sinodalidade e caminha em sintonia com o Projeto Pastoral Diocesano 2025-2034, acompanhando o discernimento comunitário que nos conduzirá à celebração dos 500 anos da criação da Diocese de Angra.

Inspirada pela visão do Papa Francisco, a Equipa reconhece que a sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milénio: não apenas um método, mas a expressão da sua forma constitutiva de comunhão e participação, o seu estilo e a sua estrutura de vida e missão (cf. Papa Francisco, Discurso de 17 de outubro de 2015). Neste sentido, a sinodalidade é um caminho espiritual de conversão pessoal e pastoral, chamado a renovar a cultura eclesial da nossa Diocese à luz do Evangelho.

Composta por fiéis leigos e ministros ordenados, provenientes das várias ilhas do arquipélago, a Equipa testemunha a riqueza dos carismas e ministérios na Igreja, expressão de uma comunhão efetiva. Reconhece a dignidade batismal como fundamento da missão comum e exerce, em espírito de escuta, o sensus fidei de todo o Povo de Deus.

No seu trabalho fundamental, que terá início no próximo ano pastoral, a Equipa assume três objetivos essenciais, que orientarão a sua ação e presença na vida da Diocese:

1. Aprofundar a vivência sinodal na Diocese de Angra

Fomentar, no seio da Igreja diocesana, uma consciência viva e espiritual da vocação à comunhão, à participação e à missão, na fidelidade à sua identidade de Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, vivendo a sinodalidade como meio privilegiado para expressar e concretizar essa identidade.

Este objetivo implica explicar, de forma acessível e consistente, o conceito de sinodalidade, clarificando as suas implicações teológicas, pastorais e canónicas, para que todos compreendam o seu fundamento e a relevância para a vida da Igreja.

Concretiza-se através da criação de itinerários formativos adaptados às realidades locais, da dinamização de encontros sinodais por ouvidoria segundo o método da conversação no Espírito e do cultivo de experiências de oração comunitária, escuta orante da Palavra e discernimento espiritual vivido em corresponsabilidade.

2. Articular a sinodalidade com a vida concreta da Diocese

Discernir, com lucidez, as resistências, fragilidades e potencialidades na receção da sinodalidade na vida diocesana, favorecendo uma conversão pastoral autêntica.

Este caminho será percorrido tanto pelo incentivo à criação de Conselhos Pastorais e de Conselhos de Assuntos Económicos em todas as paróquias, zonas ou unidades pastorais (seguindo as orientações de Roma e da Conferência Episcopal Portuguesa, no que respeita à tendência para a obrigatoriedade destes órgãos de comunhão eclesial) como pelo acompanhamento próximo daqueles já ativos, ajudando-os a crescer na sua missão.

Paralelamente, será fundamental promover, entre os presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, uma consciência renovada da importância e urgência de viver a corresponsabilidade e a participação como expressão da comunhão eclesial.

Tudo isto deverá caminhar de mãos dadas com a escuta atenta das vozes mais frágeis e frequentemente esquecidas, promovendo uma verdadeira inclusão e cultivando uma cultura de corresponsabilidade, a partir de uma consciência mais profunda do que é o batismo e das suas consequências.

Reconhecemos que este caminho exige de todos um renovado empenho de conversão e de aprendizagem mútua, pois persistem diferentes ritmos, compreensões e disposições para acolher e viver plenamente a sinodalidade.

3. Acompanhar e dinamizar o caminho sinodal nas ilhas

A sinodalidade, tal como é compreendida e vivida pela Igreja, não é um caminho alternativo, mas o próprio caminho da Igreja, como Corpo de Cristo em peregrinação, feito na escuta, oração e missão. Assim, o caminho pastoral e sinodal da nossa Diocese é único, porque nasce do mesmo Espírito que guia a Igreja inteira na comunhão, participação e missão.

Reconhecendo a diversidade geográfica, cultural e pastoral do território diocesano, a Equipa compromete-se a promover a unidade na diversidade das comunidades insulares, procurando ser uma presença próxima em todas as ilhas e ouvidorias.

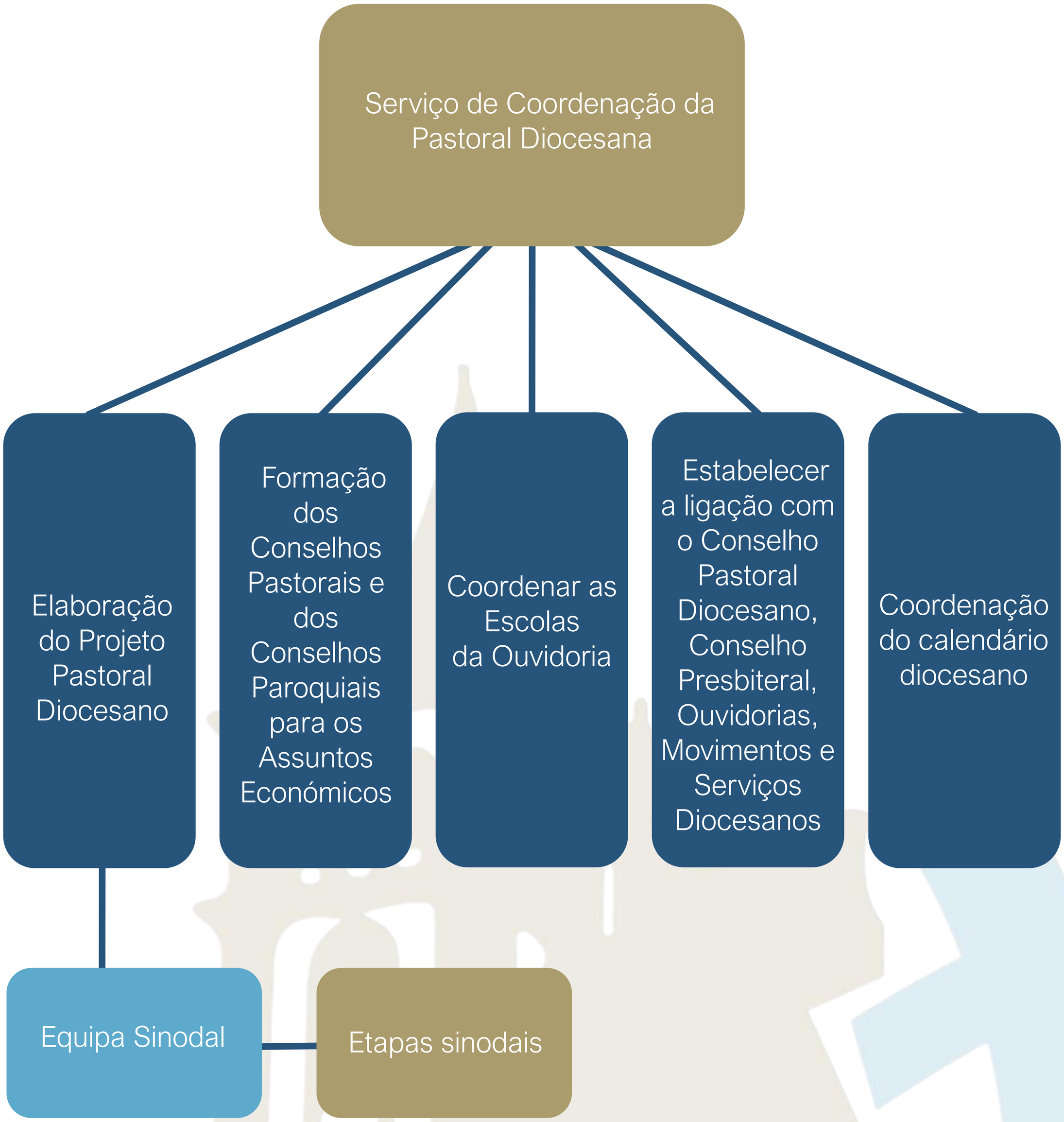
Este objetivo concretiza-se de diversas formas, sobretudo através da participação nas visitas pastorais, da adaptação dos documentos sinodais vindos de Roma e da Conferência Episcopal Portuguesa à realidade local e da promoção de encontros que estimulem e aprofundem uma verdadeira espiritualidade sinodal, de modo a que a sinodalidade seja vivida efetivamente e não apenas falada.

A Equipa Sinodal Diocesana deseja contribuir para uma conversão pastoral que torne a nossa Igreja mais participativa, mais fraterna e mais aberta ao Espírito.

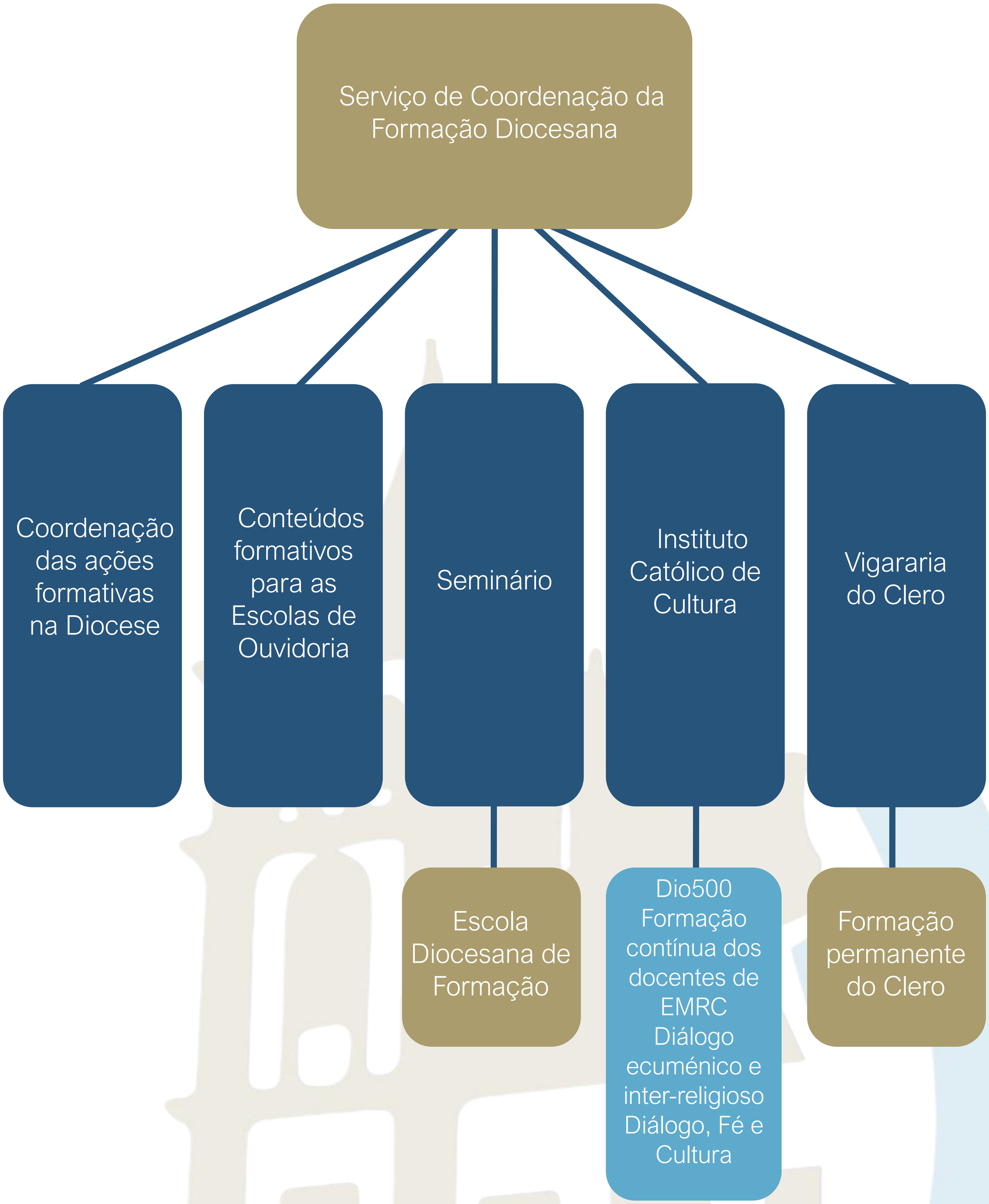
Convidamos todas as comunidades, paróquias e ouvidorias a caminharem connosco, rumo a uma Igreja mais servidora e missionária, ao estilo de Jesus, o Bom Pastor, que caminha com o seu povo.

Pela Equipa Sinodal da Diocese de Angra

ORGANOGRAMA



ORGANOGRAMA



PROPOSTA DE ORAÇÃO

7

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORAÇÃO PARA A VIAGEM

As Tentações de Jesus no deserto, segundo a versão de Lucas ((4, 1-13) são o texto que inspirou esta oração.

Devemos entender as Tentações não apenas como um fenómeno que ocorreu durante aqueles quarenta dias, mas como uma alegoria da vida pública de Jesus. A sua compreensão teológica e pastoral leva-nos a entendê-las como a tentação da facilidade, do poder e do milagre. A cada uma das Tentações corresponde uma estrofe da oração, que incide sobre cada um dos três triénios do Projeto Pastoral.

A primeira tentação, transformar as pedras em pão, é a da facilidade e da recompensa: seria bem mais fácil conquistar adeptos prometendo uma espécie de paraíso neste mundo. Mas Jesus prometia um cálice diferente. Esta tentação vai buscar as suas raízes à libertação do Povo do Egito. No deserto, já livre, o Povo lança invetivas contra Deus e Moisés, porque preferia as panelas de carne da escravidão aos desafios da liberdade. O dilema de Jesus era fazer que o seguissem pelo pão ou em liberdade. A primeira estrofe da oração debruça-se sobre esta tentação e corresponde ao primeiro triénio (anúncio).

A segunda tentação, possuir todos os reinos da Terra, é a tentação do poder e do domínio sobre os homens e as suas consciências. Toda a vida de Jesus é uma rejeição do poder sobre os outros: o Seu último gesto, antes do Getsémani, sabendo que tinha todo o poder, foi lavar os pés aos apóstolos. O dilema era que O seguissem pela força da obediência ou por amor. A segunda estrofe da oração está ligada a esta tentação e corresponde ao segundo triénio (ação).

A terceira tentação, atirar-se do pináculo do Templo, é a tentação do milagre que atrai multidões como fenómeno extraordinário. Mais à frente, Jesus condena esta geração perversa, que pretende um sinal. Aliás, os milagres de Jesus normalmente não acontecem para que a pessoa acredite, mas PORQUE a pessoa acredita. O dilema centra-se no binómio milagre/fé. A terceira estrofe baseia-se nesta última tentação e corresponde ao terceiro triénio (celebração).

ORAÇÃO PARA A VIAGEM

No Teu deserto, Bom Jesus,
em vez de pão
deste-nos a liberdade.
Não nos saciaste a nossa fome,
mas deste-nos sede de Ti,
da Tua vida, a única Verdade.
Que o Teu nome se veja
em cada palavra, em cada gesto,
em cada nosso olhar,
para que, vendo-nos, Te possam ver.

No Teu deserto, Bom Jesus,
ao poder preferiste servir,
ao domínio preferiste amar.
Torna leves os nossos pés,
abertas as nossas mãos.
Que nada nos impeça
de chegar onde Tu chegaste:
ao Teu pobre, ao Teu doente,
ao Teu último,
ao coração de quem de Ti mais precisa.

No Teu deserto, Bom Jesus,
não escolheste o milagre, mas a fé.
Não foste herói, mas Salvador.
Que a nossa fé
seja apenas abalada
por outra esperança:
a de podermos celebrar, em Ti,
a plenitude da Vida,
o sentido de todas as coisas,
a alegria de dar tudo
e ter-Te como recompensa.

Que Tu nos sejas tudo,
No Pai que nos abençoa,
No Espírito que nos preenche.
Ámen.

WWW.DIOCESEDEANGRA.PT

1534 . 2034

500

DIOCESE DE ANGRA

WWW.DIOCESEDEANGRA.PT